

CANUDOS: O TEMA LITERÁRIO

Luciano Rodrigues Lima
Pró-Reitor de Graduação da UNEB

Em tempos pós-modernos de *Internet* e economia globalizada vale a pena se afirmar a nacionalidade?

Um dos problemas cruciais para a intelectualidade brasileira, nas diversas áreas dos estudos humanísticos, em todos os tempos, tem sido o de construir, com um mínimo de clareza, um conceito de brasilidade. Frequentemente, questões meramente subjetivas ou ideológicas são inculcadas como verdades oficiais, produzindo uma imagem distorcida da terra, da gente e da história do Brasil.

A literatura e as outras artes, as quais não respondem a uma definição simplória para o conceito de brasilidade ou à explicitação de um modelo de ideário nacional, podem produzir a mais rica síntese do caráter nacional, sem sequestrá-lo do tempo, captando-o em sua eterna dinâmica, revelando-o por partes, dentro das complexas relações sociais, atando as pontas do passado ao presente, a partir de criações sobre a natureza, o pensamento e as ações do homem brasileiro.

Ninguém mais do que Mário de Andrade (nem mesmo os românticos) se preocupou com a afirmação da nacionalidade brasileira através da arte e, essencialmente, da literatura. Em *Aspectos da literatura brasileira* ele observa:

Quem considere a história do nosso passado artístico, há de perceber o que representa creio que habituada agora à vida brasileira, esse fenômeno espantoso.¹

O contexto da citação é uma avaliação da Semana de Arte Moderna, dez

anos depois.

Após este breve preâmbulo, buscamos delinear o modo pelo qual a arte (literatura) re-afirma a nacionalidade de um povo (tema reiteradamente defendido por T.S. Eliot em *A essência da poesia*). Poderíamos tomar por parâmetro o que representa a Guerra de Secessão para a literatura e a produção cultural norte-americanas, a lenda do Rei Artur para a tradição artística da Inglaterra ou a Guerra Civil Espanhola para a arte moderna na Espanha. Esses temas, reais ou fictícios, são modelos profundos para a reflexão e a inspiração das gerações posteriores. Ainda que signifiquem uma chaga aberta no corpo da história de um povo, eles alimentam ao imaginário, ensinam a verdadeira dimensão do trágico (um dos grandes problemas da arte brasileira) e, através de releituras sucessivas promovidas pela estetização, tornam-se atuais, sempre. Uma nação sensata não expurga os episódios mais dolorosos do seu passado, mas os rediscute permanentemente através da arte, espaço aberto para novas interpretações do fato antes monológico, petrificado na história oficial. A literatura faz girar as forças cósmicas como o homem e a terra, desconstruindo conceitos como o inexorável e o destino. Para tornar-se real e histórico (no sentido mais lato da historicidade), o fato precisa virar mito e marcar a ferro e fogo a imaginação dos homens; através do cordel e do cantor das feiras, ou por meio da arte erudita, uma vez que ambas as formas compartilham da mesma essência.

Como, pois, afirmar a nacionalidade sem grandes temas que nos façam refletir sobre a nossa história, cultura e realidade? Sob esta perspectiva agiganta-se a Guerra Canudos como a temática de maior dramaticidade (drama natural e humano: a seca e a guerra fratricida) e tragicidade, capaz de ajudar a arte brasileira a escapar da superficialidade.

Sendo mais completa que a visão histórica, o enfoque da arte permite tomar o fato sob vários aspectos, narrando o acontecido e o que poderia acontecer, pelo processo de multivocidade, dando vez às diversas vozes existentes no complexo contexto social. Do artista não se pode exigir qualquer posição prévia ou alinhamento ideológico no tratamento do tema. O que cabe é a realização do efeito estético, utilizando-se de todos os elementos disponíveis nos outros discursos: na sociologia, na geografia, na história e sobretudo, na própria arte/literária, através da inevitável intertextualidade. À arte pouco importa se o Conselheiro foi um louco ou o Messias, se suas posições políticas estavam além ou aquém da jovem república, se o “povo do Conselheiro”, no dizer do Professor José Calasans, era formado por bandidos ou pacatos cidadãos. Todas as possibilidades podem ser consideradas. A literatura vai trabalhar com emoções mais estetizadas e menos apaixonadas, teatralizando, com o necessário distanciamento entre autor e tema, o que permite ao (re)criador escapar à força gravitacional dos fatos tidos como reais.

As vezes, porém, o tema domina o autor, durante o processo de concepção da obra, e os resultados fogem a qualquer predeterminação. Isto teria ocorrido com Euclides da Cunha na feitura de *Os Sertões*.² Alfredo Bosi, em *O Pré-Modernismo*, analisa a posição de Euclides:

Não se veja, porém, no autor de *Os Sertões* um pessimista míope, afeito apenas a narrar desgraças inevitáveis e homens e de raças, incapaz de vislumbrar alguma esperança por detrás do *struggle fo life* de um determinismo sem matizes. Quem julgou o assédio a Canudos um crime e o denunciou era, moralmente, um rebelde e um idealista que se recusava, porém, ao otimismo fácil.³

Os Sertões, como a primeira obra importante sobre Canudos, apresenta, dentro das limitações que o tempo impõe, apenas uma visão dentre muitas outras possíveis. Euclides apresenta a sua opinião. Teria havido uma vitória humilhante sob o ponto de vista militar e uma derrota sob o ponto de vista da fé. em seu “anfiteatro monstruoso”, Euclides faz desfilar a paisagem, a sociologia, a etnia, os costumes, a tradição oral, a versão bíblica nordestina baseada no antigo testamento, apropriando-se da sonoridade da língua (os nomes próprios são sempre sonoros e sugestivos: Macambira, João Abade, Volta-Grande, Pajeú, Pedrão, Tranca-pés, Fabrício de Cocorobó, ou Cambaio, Alto da Favela e muitos outros) descrevendo as mais bizarras cenas. Muitas passagens são cinematográficas: ao sineiro na torre e as balas zunindo, o homem com o feixe de lenha imperturbável sob o fogo cerrado ou o menino com o quepe sobre o rosto, sem os lábios. M. Cavalcanti Proença levanta a tese, em *Estudos literários*, que a forma literária de *Os Sertões* é a tragédia, nos moldes da Grécia antiga:

Aqui damos por bem apontada a semelhança ou, mais estritamente, a disciplina aos cânones da tragédia, evidente neste livro de extraordinária riqueza de pensamento e expressão.⁴

Reforçamos, portanto, a idéia de que um dos grandes entraves à construção de um lastro de identidade para a nação brasileira é a quase inexistência da verdadeira dimensão do trágico em nossas artes. Isto reforça a importância de Canudos como o grande tema nacional.

Antônio Candido, em *Literatura e sociedade*, reconhece que a linha de ensaio incluindo ciência e arte, na qual ele inclui as obras de Euclides da Cunha,

Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Holanda, "constitui o traço mais característico e original do nosso pensamento". Diz ainda:

Antes de Euclides da Cunha e Gilberto Freire, a sociologia aparecia mais como "ponto de vista" do que como pesquisa objetiva da realidade presente.⁵

Vimos aqui, pois, a relevância da literatura com traços de ficção e ciência para a compreensão da realidade brasileira.

Afrânio Coutinho, no trabalho intitulado *A tradição afortunada - o espírito da nacionalidade na crítica brasileira* argumenta que o fato literário precede o fato político, e que, embora se relacionem, são independentes, e completa:

No caso do Brasil, do lençol profundo da consciência nacional, brotaram os ímpetus de originalidade e autonomia, que tiveram expressão vitoriosa na gênese de uma literatura, de uma dança, de uma arte visual e plástica, como de costumes sociais e formas de convivência e trabalho, como de um estilo político, que são próprios e específicos da civilização aqui implantada.⁶

No início da década de oitenta, o tema de Canudos atrai com o seu magnetismo o escritor Mario Vargas Llosa para a Bahia, onde, assessorado por intelectuais e artistas baianos do porte de José Calasans, Renato Ferraz e outros, realiza levantamento de dados para confecção de sua obra *A guerra do fim do mundo*,⁷ com o sugestivo subtítulo: "A saga de Antônio Conselheiro na maior aventura literária do nosso tempo". A obra surge com a mesma força criativa de outros trabalhos de Llosa, como *Pantaleão e as visitadoras*, com narrativa polifônica de perspectiva múltipla e, como dissemos, presentificando o debate sobre o tema. O livro contém um perfil das forças políticas da república incipiente, aprofunda a questão filosófica, problematiza o tema introduzindo a visão anárquica através do personagem Galileu Gall. Assim o tema de Canudos ganhou o mundo, alterando sua escala de importância.

Hoje, quando se aproximam as comemorações (no sentido lato da palavra) do Centenário da Guerra, o desafio a todos os brasileiros (e não brasileiros) está posto: debater em todos os níveis a magnitude da matéria, a qual ainda persiste envolta em mistério. Não podemos viver à sombra de Euclides, eternamente.

Luz nova deve ser lançada sobre o tema. O trabalho de pesquisadores e interessados como José Calasans, Yara Dulce Bandeira, Consuelo Novaes Sampaio, Edivaldo Boaventura, Oleone Coelho Fontes, Alexandre Oten, e muitos outros, deve ser continuado. O tema deve envolver a sociedade, os estudantes, os que pensam o Brasil. A identidade nacional não se constrói apenas falando dela, mas na criação cotidiana de uma produção cultural e artística, abstraída dos valores reais da nossa terra e da gente brasileira. Para se alcançar, portanto, a autonomia do pensamento brasileiro, é imprescindível a descoberta/construção de um temário nacional, capaz de respaldar a ruptura⁸ com a submissão aos temas estrangeiros. Desse modo, teremos reservas para a competição cultural do mundo globalizado.

NOTAS:

1. ANDRADE, Mário de, *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1943, p. 47.
2. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s/d].
3. BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1973, p.124.
4. PROENÇA, M. Cavalcanti. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1971, p.250.
5. CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1980, p.130.
6. COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada - o espírito da nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1968, p. 23.
7. LLOSA, Mário Vargas. *A guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
8. SANTIAGO, Silviano. Permanência do discurso da tradição no modernismo. In: ___ et alii. *Cultura brasileira - Tradição e contradição*. Rio de Janeiro: 1987, p.111-46. Neste ensaio Silviano Santiago considera a era pós-moderna como um período de valorização da tradição. discute-se aí a questão da ruptura.